APLAUSO

ANO III Nº 28

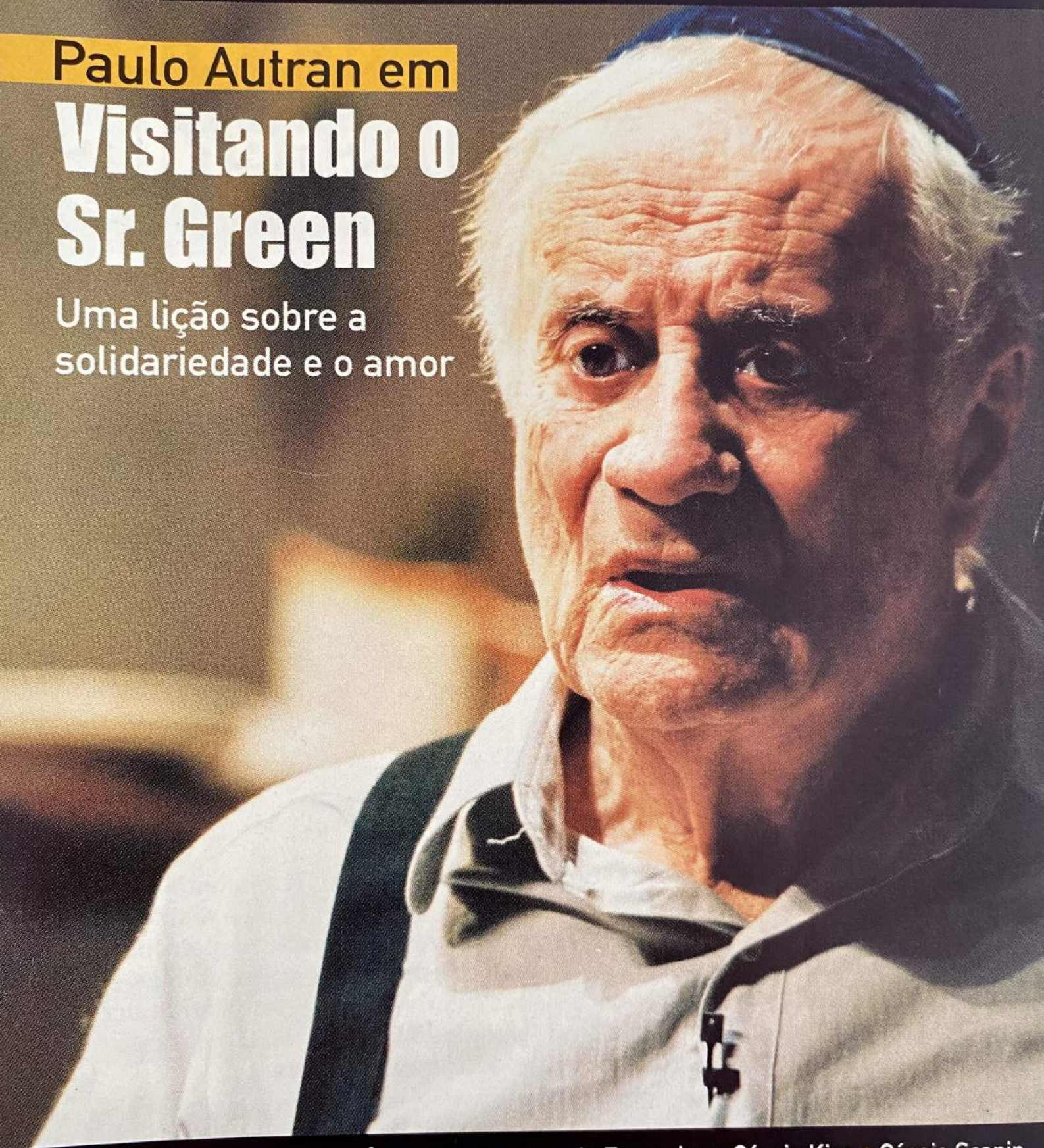
teatro

EXEMPLAR GRATUITO

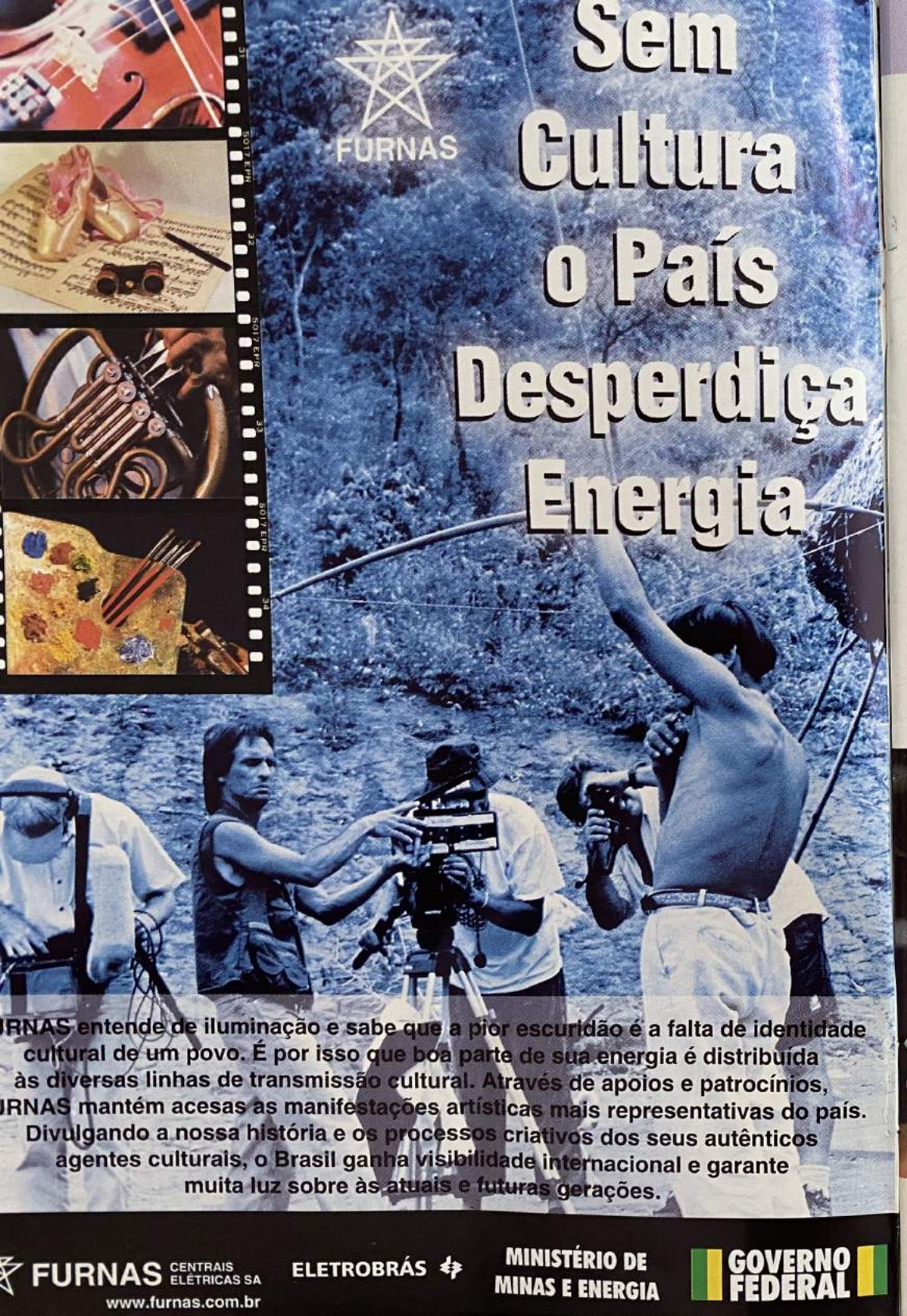
Paulo Autran em

Visitando o Sr. Green

Uma lição sobre a solidariedade e o amor



Em Cartaz • Jornal do Teatro • Ângela Leal • Antonio Fagundes • Cássia Kiss • Cássio Scapin • Denise Stoklos • José Dias • Leonardo Brício • Ricardo Cravo Albim • Samir Yasbek



Momento de Reconstrução

Eu diria que hoje sou mais uma promotora cultural do que atriz e empresária. O meu barato mesmo é cultura. O meu lado cidadã, mais do que lutando contra a ditadura, surgiu administrando o Teatro Rival. E veio de uma faceta que toda mulher tem e não sabe, porque a formação administrativa feminina é mais forte – quase atávica – do que a do homem. Só que a minha administração é diferenciada. Não viso só o lucro monetário, mas também o social. E o que diferencia o Rival é que ele não caminha dirigido pela mídia. E também por ser uma artista e saber como trabalhar com os artistas, as pessoas me procuram sabendo que meu teatro é uma casa.

Para quem também é atriz, possuir um teatro proporciona mais prazer, porque estou produzindo o que é espelhado por um artista. É mais amplo. Me realizo completamente quando vejo alguém no palco do Rival.

O que às vezes me angustia muito é a morosidade dos serviços públicos. E tenho uma função na Sociedade de Amigos da Cinelândia e sou diretora no grupo gestor do Polo Cultural da Cinelândia. A maior dificuldade é verificar que a lei na sua origem já não existe, cercada de adendos que foram sendo criados.

Acho que o teatro hoje está num momento de reconstrução. A época da ditadura nos podou, os antigos produtores desapareceram. Agora as leis de incentivo começam a funcionar, com as empresas entendendo o que é bom. O meu conselho para futuros empresários é que, antes de mais nada, saibam a finalidade do que estão produzindo. O teatro tem uma função social muito grande. Mas o social não exclui entretenimento. Não deve ser nem um lado nem outro. É conjunto, saber dividir. Este universo é lindo.

Ângela Leal, agosto de 2001

Miss Daisy vai ao teatro

Nathália Timberg vai fazer no teatro o papel que deu o Oscar de melhor atriz para Jessica Tandy, em 1990. Em outubro, ela estréia *Conduzindo Miss Daisy*, no Teatro Ginástico. Estará bem acompanhada: Milton Gonçalves será o motorista. Daniel Dantas, o filho. O trio será dirigido por Bibi Ferreira.

Ela quer mais...

Rosamaria Murtinho gostou da experiência em musical. Depois do sucesso como Chiquinha Gonzaga em *Abre-Alas*, a atriz só pensa em dançar e cantar. Para concretizar seu sonho, procura uma personagem histórica que possa levar ao palco no ano que vem. Alô, alô, produtores e roteiristas...

Ziraldo em musical

Ziraldo já concordou e *O Menino Maluquinho* vira superprodução teatral no ano que vem, com direção de Frederico Reder e Tininha Araújo. O projeto, da Arteiros Produção, promete muita música ao vivo e a escalação de atores que cantam e dançam. Adolescentes e pais, aguardem!

A volta das toalhas...

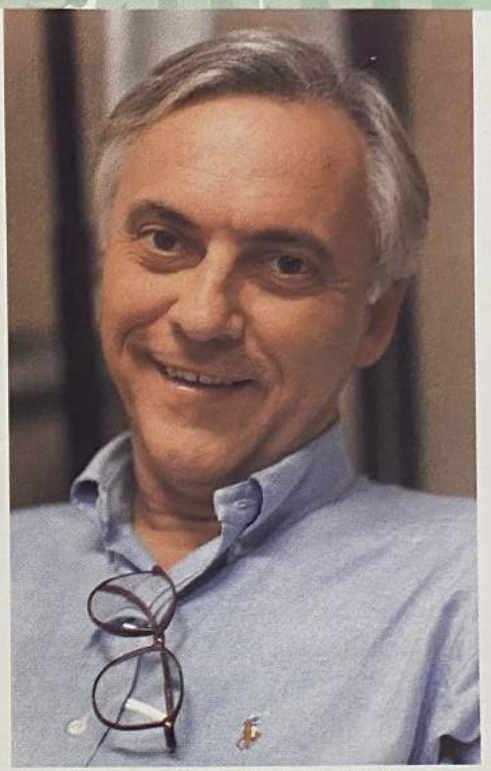
Um Pijama para Seis continua sua temporada no Teatro dos Grandes Atores, na Barra. A comédia do francês Marc Camolletti fez sucesso no Teatro Mesbla há 20 anos, com o nome de *Toalhas Quentes*, dirigida por Bibi Ferreira. A montagem atual tem direção de Rogério Fabiano. No elenco, Jayme Périard, Luciana Coutinho, Fátima freire e Elida L'Astorina.

GOVERNO DO ESTADO RJ Rio de Janeiro
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101, CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tels/fax: (21)2511-1390 e (21)2511-5344. E-mail: aplauso@gbl.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Walkyria Garotti (edição de arte), Lúcia Tavares (diagramação), Maria Lucia Rangel (texto). Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Assessoria Jurídica: Paulo Horn. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Fotolito: Beni Laser. Impressão: Sol Gráfica. Foto de Capa: Lenise Pinheiro.

José Dias

Uma arte difícil



José Dias: cenografia não é decoração.

A cenografia não é uma linguagem internacional. Seu discurso não pretende ser compreendido por todos, da mesma maneira, em qualquer parte do mundo. O que para um pode ser uma expressão cenográfica sublime, poderá parecer bastante desagradável para outro. Um cenógrafo, usando material velho, poderá nos deixar sem fôlego com seu trabalho. Como qualquer atividade artística, a cenografia nasce de um intenso sentimento e de um trabalho árduo, revelando, através do material e das formas que usa, um conjunto de emoções e de idéias relativas e pessoais.

Não há dúvida de que a cenografia é de importância fundamental para o sucesso de uma montagem, devendo servir a inumeráveis objetivos. Mas a arte cênica é uma arte especial, difícil. O cenógrafo colabora tanto com o diretor quanto com o autor, representando o pensamento de ambos.

Em geral cabe à cenografia fornecer os dados sobre o local onde se passa a ação: o dia, a hora, a situação meteorológica, a região ou pátria, além de refletir a situação econômica, política e social dos personagens.

Nunca é demais frisar que cenografia não é decoração, cenografia não é pintura, nem escultura: é uma arte integrada.

E, concluindo, faço uso das palavras do grande cenógrafo Santa Rosa (1909-1956): "A justeza de suas linhas, o discreto sublinhar da ação, bastam-lhe para exercer, com nobreza, a sua função. A sua importância é bem maior quando não é ostentatória, quando apenas sugere em linhas simples o ambiente no qual se desenrolam os sentimentos dos personagens".

Calendário da Pedra

Palavra e mímica em espetáculo de Denise Stoklos sobre o tempo.

Em seu novo espetáculo, *Calendário da Pedra*, no SESC Rio Arte, Denise Stoklos continua fazendo praticamente tudo: texto, direção, sonoplastia, coreografia e interpretação-solo. A loura paranaense, sucesso no mundo inteiro, sobe ao palco para contestar o sistema social, no qual os valores dependem sempre de sua utilidade prática ou de rendimentos concretos. Seu personagem no espetáculo mostra o subconsciente da natureza humana em vários momentos, todos igualmente vitais.

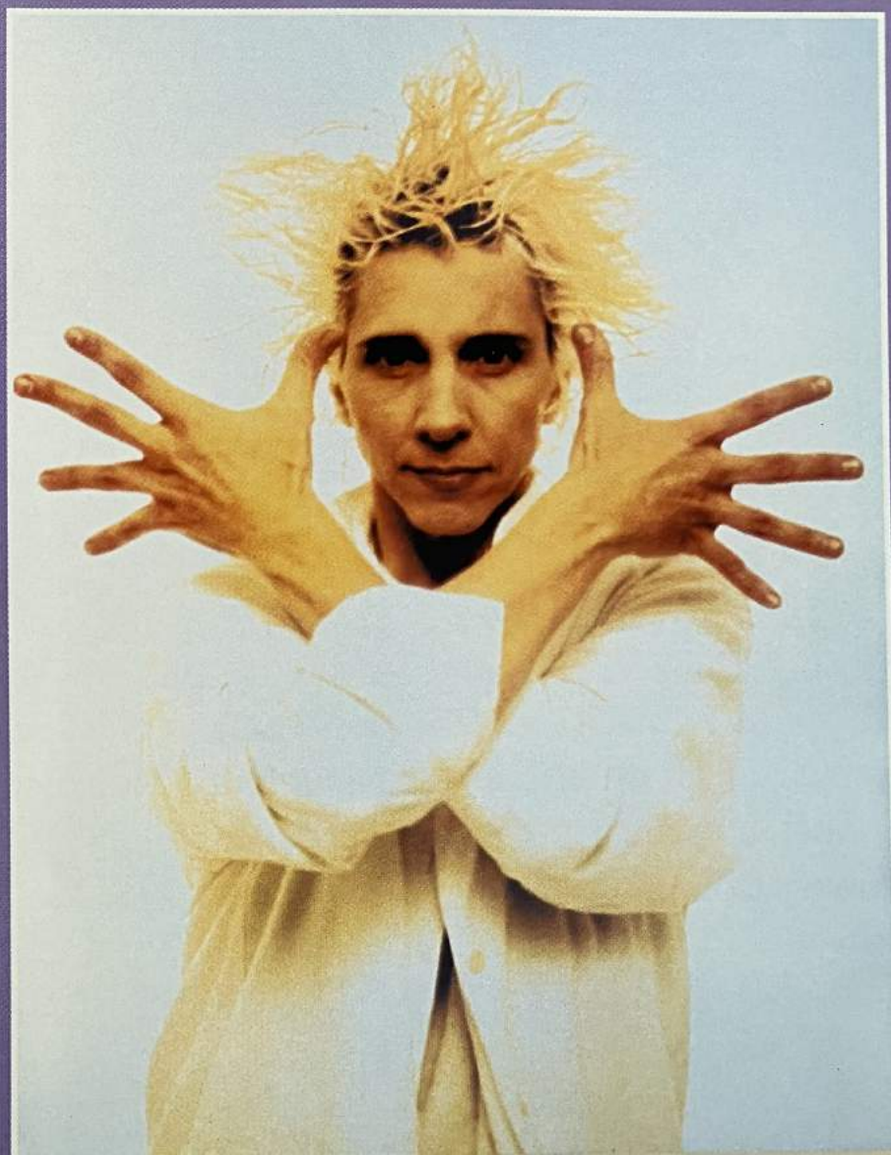
"Grande expressividade e força emocionante" (*Xinhua News*, Pequim). "Ela acredita que seu teatro pode mudar o mundo – e o faz" (*Helsingin Sanomat*, Helsinki). "Está criado um novo estilo de teatro" (*Ursining Ensamkamp*, Estocolmo). "Melhor performer do inteiro Festival de Edinburgh" (*The Observer*, Londres). Os elogios colhidos em suas inúmeras viagens ocupariam páginas e páginas. Denise trabalhou em diversas peças até 77, dirigida por Ademar Guerra, Antunes Filho, Antonio Abujamra, Fauzi Arap. Porém, foi depois de uma temporada em Londres, onde especializou-se em mímica, que ela encontrou sua especialidade: teatro-solo. Mas também se dedica a outras linguagens artísticas. Em Estocolmo, apresentou-se para uma platéia de quatro mil pessoas num show de músicas compostas, tocadas e cantadas por ela. Também já fez no MAM carioca uma exposição de fotografias de sua autoria, sobre canções de Nina Simone.

Reflexões

Denise buscou a estrutura do texto de *Calendário da Pedra* num poema de Gertrude Stein, *Book of Anniversary*: "Como é intraduzível para o teatro, decidi escrever o texto. A pedra do título vem do nome dela (*stein* é pedra em alemão), mas também do tempo fixo. Porque existe um tempo fixo, sim, que é uma forma de a gente se organizar em sociedade, marcar horários. Ao mesmo tempo, o que desejo passar para o público é uma reflexão. Pensar um pouco o quanto somos proprietários ou não do nosso tempo."

Ela volta a trabalhar com uma assistente de direção, Antonia Ratto, jovem de 24 anos, para ela uma descoberta: "Tem sido um acréscimo enorme ao meu trabalho, uma postura jovem com um critério novo, e inteligentíssima".

Lembrada ainda hoje como m ímica, porque foi o que marcou sua volta ao Brasil, em 1980, Denise não se considera mais como tal. Mas continua utilizando técnicas de mímica. *Calendário da Pedra* tem mímica e palavra. E é exatamente a junção da palavra com o gesto que faz a diferença em seu trabalho.



Paulo Autran é o atropelado rabugento. Cássio Scapin, o motorista desatento. Uma comédia que emociona.

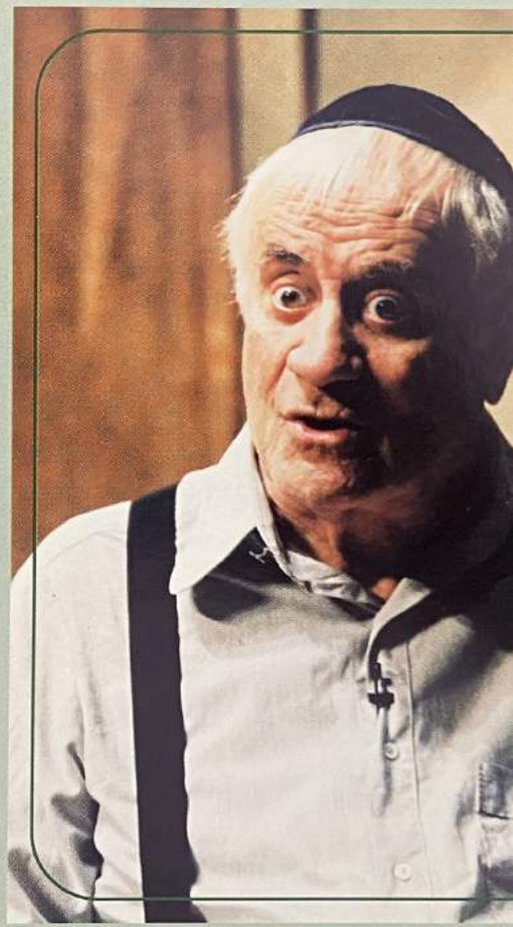
Por Maria Lucia Rangel

FOTOS: LENISE PINHEIRO/DIVULGAÇÃO

Visitando o Sr. Green

Quando o jovem executivo Ross Gardiner atropela o Sr. Green, o caso vai parar na Justiça e fica decidido que o rapaz deverá fazer visitas semanais à casa de Green para ajudá-lo no que for preciso. Os encontros começam com muitas discussões, mas com o convívio os dois passam a trocar confidências. Paulo Autran, como o Sr. Green, e Cássio Scapin, como Ross, são os astros de *Visitando o Sr. Green*, primeiro texto do dramaturgo americano Jeff Baron encenado no Brasil, em cartaz na Sala Marília Pêra, no Teatro Leblon. A direção é de Elias Andreato.

Se as discussões entre os dois personagens arrancam gargalhadas da platéia, as confidências emocionam. Foi o que aconteceu em São Paulo, onde a peça permaneceu 13 meses em cartaz, vista por mais de 160 mil pessoas. E ainda rendeu a Paulo Autran os prêmios Shell e APCA de melhor ator do ano passado. O texto pega todo mundo ao falar de relacionamento humano, estupidez, preconceitos, a importância da compreensão, a



tolerância entre as pessoas e, sobretudo, o amor: "Ambos unem suas solidões e, discutindo, fazem com que vários problemas venham à tona", conta Paulo Autran.

O conflito entre Ross e Green é tratado com doses de humor, mesmo sendo o espetáculo inclinado ao drama: "Essa variação de momentos tristes e engraçados se parece com a oscilação de uma partitura sinfônica", lembra Andreato. "E, ao contrário do que se pode imaginar, a história não é centrada na vida de Green. Ambos são protagonistas e têm exatamente o mesmo peso e importância".

Autran, "descobridor" do texto e também o tradutor, convidou Elias Andreato para a direção. "Eu achava que essa era uma peça para um ator dirigir, porque depende exclusivamente de interpretação, sendo o resto secundário".

Um professor

É a primeira vez que o Nino do seriado infantil *Castelo Rá-Tim-Bum* contracena com Paulo Autran: "Paulo já tinha me convidado para trabalhar com ele", conta Scapin, "mas nunca havia dado certo. Ele é o máximo, supergeneroso, amigo e bacana. É um professor".

O cenário da peça reflete a vida solitária de Green: um apartamento antigo e desarrumado, onde Ross entra obrigado. E onde os dois acabam se entendendo. Um do alto de seus 85 anos. Outro, aos 29, funcionário de uma multinacional. Os 56 anos que os separam vão acabar por uni-los.

Visitando o Sr. Green estreou originalmente em Miami há quatro anos, no Teatro Coconut Grove. O sucesso foi tanto que a peça foi levada para a Broadway - e o ator Eli Wallach premiado por sua interpretação. O rabugento e intratável Sr. Green acaba provocando a empatia da platéia quando sua fragilidade aparece. Paulo Autran não fica atrás. Também consegue a empatia da platéia e a aprovação da crítica.

BR

apresenta

PRÊMIO SH
Categoria Esp
pela Qualidade do Re

da arte de subir em telhados

armazém companhia de teatro

direção Paulo de Moraes

dramaturgia Paulo de Moraes e Maurício Arruda Mendonça

quinta a domingo
às 20h

fundição progresso
rua dos arcos, 24 - lapa

(preços populares no mês de julho)

LEI DE INCENTIVO À CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA

reservas e informações
9817-2265

GOVERNO FEDERAL
Trabalhando em todo o Brasil

Últimas luas

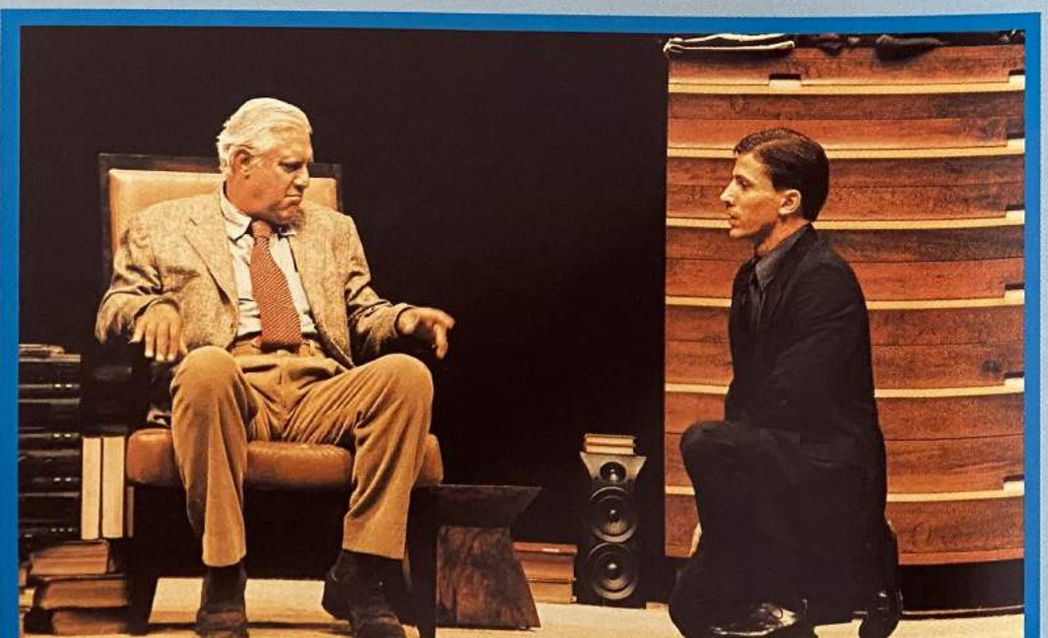
Antonio Fagundes, Cássia Kiss e Leonardo Brício em reflexões sobre as relações e a solidão.

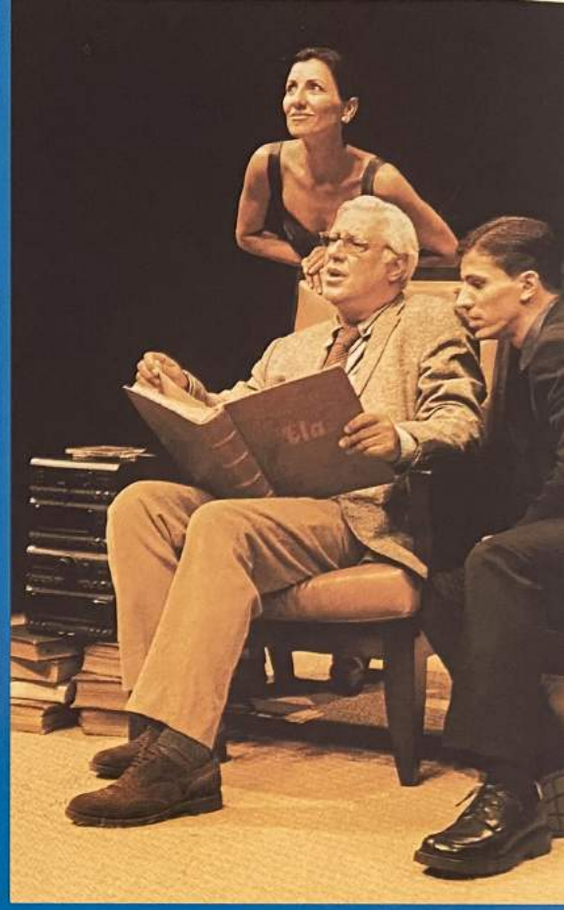
Por Maria Lucia Rangel

Antonio Fagundes estava filmando *Bossa-Nova*, de Bruno Barreto, quando ouviu falar pela primeira vez em Furio Bordon, autor de *Últimas Luas*, peça que ele está apresentando no Teatro João Caetano ao lado de Cássia Kiss e Leonardo Brício. A informação veio de seu pai no filme, o ator argentino Alberto di Mendonza, que ensaiava na época o mesmo espetáculo, no papel que agora é do brasileiro. Fagundes leu o texto e ficou encantado. Dois dias depois, ligou para o autor, ainda sem saber que tinha sido esta a última peça encenada por Marcello Mastroianni.

"É muito bem escrito. Consegue ser profundo sem deixar de ser acessível", explica. "E tem muito humor. Meu personagem é um ex-professor de literatura bem articulado e cáustico."

No palco, um homem de 80 anos (Antonio Fagundes, interpretando um personagem 30 anos mais velho do que ele) conversa com o fantasma da mulher (Cássia Kiss), enquanto espera o filho (Leonardo Brício) levá-lo para um asilo. Apesar de discutir a fundo os problemas da terceira idade, *Últimas Luas* vai além, tratando das relações afetivas em geral. Idoso, é verdade, mas o protagonista não é senil. Ao contrário. É lúcido, irônico, saudável e bem-humorado. E Fagundes não "envelhece" através de artifícios de maquiagem. Preferiu clarear mais os cabelos grisalhos e as sobrancelhas, e "envelhecer" na postura: "A peça fala das relações humanas e do envelhecimento no sentido de que um jovem de 20 anos pode ser mais velho do que um homem de 70", diz o ator e produtor, junto com o diretor Jorge Takla. "A peça tem uma seqüência mais ou menos lógica. Na primeira fase ela fala das relações afetivas e conflitos entre pai e filho, mulher e marido. Na segunda, traz as reflexões do homem mais velho sobre solidão, a vida e a morte".





Da tevê ao palco

Últimas Luas, sucesso de público e crítica em São Paulo, onde estreou em 99, foi indicada a três categorias para o Prêmio Shell e deu a Fagundes o prêmio de melhor ator da APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte). A peça ganhou tradução de Millôr Fernandes. Fagundes e Takla queriam uma tradução fina, de um profundo conhecedor da língua portuguesa: "Millôr é um poeta", diz Fagundes, "e nós queríamos alguém que pudesse preservar os grandes momentos de humor presentes na obra".

Além da direção, Jorge Takla também assina a cenografia e a iluminação. Os figurinos são de Elena Montanarini. Apesar de ter estreado há dois anos, Fagundes considera a temporada carioca uma reestréia, já que está contracenando com outros atores. Em São Paulo o elenco tinha sua ex-mulher Mara Carvalho e também Petrônio Gontijo. Aqui, Cássia Kiss e Leonardo Brício foram convidados, não por acaso: "Eu queria dois bons atores e, por coincidência, eles estavam à minha frente", conta, lembrando que os três também são pai, mulher e filho na novela *Porto dos Milagres*. "Nós nos damos muito bem e gostamos de ficar juntos".

Estão voltando as flores...

Para homenagear as cantoras do rádio, uma superprodução no melhor estilo da Broadway.

A persistência da mídia em abandonar as antigas cantoras de rádio levou o escritor e pesquisador de música popular brasileira Ricardo Cravo Albim a querer homenageá-las com tratamento de divas. Em parceria com o produtor Cláudio Magnavita, com quem montou o musical de sucesso *Cantores do Chuveiro/100 anos de MPB*, Ricardo ensaiou durante dois meses a superprodução *Cantoras do Rádio/Estão Voltando as Flores*, que está no Café-Teatro Arena, em Copacabana.

"É um espetáculo que remete as cantoras do rádio a um patamar de cantoras da Broadway. As brasileiras terão o mesmo tratamento que as divas americanas sempre tiveram nos Estados Unidos", diz Ricardo. Para isso, ele aposta na produção sofisticada, muito ensaio e textos bem marcados, com as cantoras contando fatos e fofocas da era do rádio.

Para cantar junto...

Carmélia Alves, Carminha Mascarenhas, Ellen de Lima e Violeta Cavalcante sobem ao palco mostrando, em 11 quadros e 40 músicas, sucessos pessoais e de outras 10 divas: Aracy de Almeida, Isaurinha Garcia, Dalva de Oliveira, Elizeth Cardoso, Nora Ney, Dolores Duran, Aurora e Carmem Miranda, Linda e Dircinha Batista. O público ouvirá - e cantará junto, com certeza - sucessos como *Feitiço da Vila, Saia do Meu Caminho, Bandeira Branca, Risque, Mulata Assanhada, A Noite do Meu Bem, Ninguém me Ama* e *Cidade Maravilhosa*. A música mais jovem do espetáculo tem 26 anos: *Vício*, de 1975.

"Selecionei cerca de 100 músicas", conta Ricardo, "e fui cortando, usando como primeiro critério a beleza e permanência até hoje. Em segundo lugar, observei se as cantoras estariam cantando bem. Também fiz questão de permear todo o show com *Estão Voltando as Flores*, um hino de esperança para que a memória melhor do país retorne". Mas o grand-finale, conta ele, é com a música *Cantores do Rádio*.

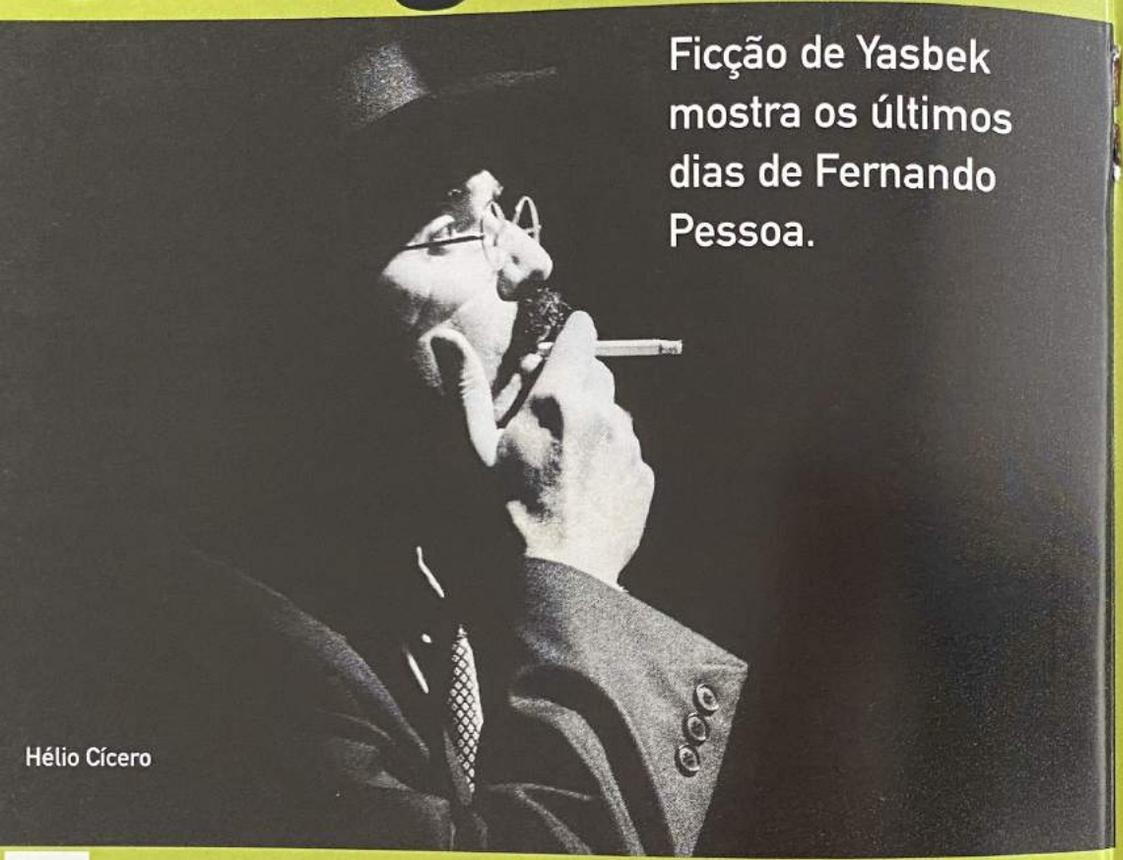
Resgatando a elegância e sofisticação dos anos 50, o estilista português Antônio Augustus – dono na Europa de um atelier de resgate de roupas histórias – fez 20 vestidos. Segundo Ricardo, é o primeiro revival desta época que sobe ao palco no Brasil: saias godês, chapéus, peles, luvas, nada foi esquecido. Até os microfones de lapela serão estrategicamente colocados nas cabeças das cantoras, permitindo a livre movimentação das mãos.

FOTOS: GUGA MELGAR/DIVULGAÇÃO

Cantoras do rádio com Ricardo Cravo Albim.

O Fingidor

Ficção de Yasbek mostra os últimos dias de Fernando Pessoa.



Hélio Cícero

Por essa o poeta e escritor português Fernando Pessoa (1888-1935) não esperava. Na peça *O Fingidor*, escrita e dirigida por Samir Yasbek, o autor usa o jogo criado pelo próprio poeta - os heterônimos - para mostrá-lo no fim da vida com o nome fictício de Jorge Madeira. Mas este é um heterônimo que existe apenas na peça, mistura de realidade e ficção. Sucesso paulista dois anos atrás, o espetáculo chega ao Rio dia 12, no Conjunto Cultural da Caixa/Teatro Nelson Rodrigues, trazendo na bagagem o Prêmio Shell de Melhor Autor para Yasbek.

O Fingidor resgata a personalidade do poeta e sua relação com o meio em que vivia, mostrando também a ligação do autor com seus personagens, os heterônimos mais conhecidos (Alberto Caieiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis). Mas não foi Fernando Pessoa quem inspirou a peça. Foi o poeta que veio a calhar para o projeto de Yasbek: "Eu tinha alguns temas, algumas idéias, e Fernando Pessoa surgiu como conseqüência de alguns valores que eu queria abordar na época", explica.

A ficção criada por Yasbek encontra Pessoa (Hélio Cícero) já doente e com pouco dinheiro, em seus últimos dias de vida, atendendo ao anúncio de um crítico literário (Douglas Simon) que procura um datilógrafo por estar preparando uma conferência sobre Fernando Pessoa. O poeta apresenta-se com outra identidade e, disfarçado com tiques e sotaques, ganha o emprego, começando um caso de amor com a governanta (Mariana Muniz). A representação dentro da representação remete aos versos de Pessoa, para quem "o poeta é um fingidor/finge tão completamente/ que chega a fingir que é dor/ a dor que deveras sente."

Última aventura

Não é preciso ser conhecedor de Pessoa para entender e gostar da peça. O sucesso de público em São Paulo comprova isso. "Mas se houver um conhecimento sobre a obra, a porta de entrada fica mais aberta", lembra Yasbek. "*O Fingidor* foge do que é feito sobre e com os poetas. Fugimos do recital e, além disso, esta é uma história de ficção. Na verdade, o personagem que o Fernando Pessoa cria, o Jorge Madeira, é uma espécie de persona através da qual vai viver a aventura derradeira".

E ao desvendar o íntimo de Fernando Pessoa, Yasbek mostra cenas divertidas e bem-humoradas, que revelam outras facetas da personalidade do poeta, humanizado pelas próprias ações e não apenas pela sua poesia.

Mariana Muniz e Douglas Simon

FOTOS: TUCA VIEIRA/DIVULGAÇÃO

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

A Máquina

Romance de Adriana Falcão sobre um rapaz nordestino que dá o mundo de presente à namorada. Adaptação de João Falcão. Com Gustavo Lago e Karina Falcão. **Teatro Casa Grande** (Av. Afrânio de Mello Franco, 290, Leblon). Fone: 2239-4046. Quinta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15 (qui.), R$20 (sex. e dom.) e R$25 (sáb.).

A Memória da Água

Texto da inglesa Shelagh Stephenson reunindo três irmãs que aguardam o funeral da mãe num vilarejo inglês, ao lado do mar. Direção de Felipe Hirsch. Com Andréa Beltrão, Eliane Giardini, Ana Beatriz Nogueira e Guilherme Weber. **Teatro das Artes** (Rua Marques de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

Boeing, Boeing

Comédia de Marc Camoletti. Sucesso nos anos 60 com Eva Wilma e John Herbert, volta com Luciano Szafir e Anja Bittencourt. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marques de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R$20 (qui. e dom.), R$25 (sex.) e R$30 (sáb.).

Calendário da Pedra

Espetáculo inédito de Denise Stoklos, responsável pelo texto, direção, sonoplastia, coreografia e interpretação. Por meio de um aparente diário anual, mostra pensamentos e emoções. **SESC Rio Arte** (Av. Copacabana, 360, Copacabana). Fone: 2549-9069. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$10.

Cantoras do Rádio / Estão voltando as flores

Show homenageando as grandes cantoras da época de ouro do rádio. Com Carmélia Alves, Carminha Mascarenhas, Ellen de Lima e Violeta Cavalcante. Roteiro e direção de Ricardo Cravo Albim. **Café-Teatro Arena** (Rua Siqueira Campos, 143, Copacabana). Fone: 2235-5348. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 18h. R$25 (qui., sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

Cócegas

Oito histórias bem-humoradas sobre o universo feminino, escritas por duas jovens autoras, Ingrid Guimarães e Heloisa Perissé, também as atrizes do espetáculo. Direção de Aloísio de Abreu, Sura Berditchevsky, Luiz Carlos Tourinho e Marcelo Saback. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 62, Ipanema). Fone: 2267-7295. Quinta, sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$15.

Cole Porter – Ele nunca disse que me amava

Retorna o musical sobre a vida do compositor americano. Texto e direção de Charles Möeller. Com Ada Chaseliov, Alessandra Verney. **Sala Fernanda Montenegro do Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2274-3536. Quinta, sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$25 (qui., sex. e dom.) e R$30 (sáb.). Estréia dia 12/7.

Company

Comédia musical de Stephen Sondheim e George Furth, que recebeu sete prêmios Tony quando estreou, em 1970. Versão brasileira de Cláudio Botelho. Direção de Charles Möeller. Com Cláudio Botelho, Cláudia Netto e mais 12 atores/cantores. **Espaço 1 do Teatro Villa-Lôbos**. (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2275-6697. Quinta, sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$25 (qui.,sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

Crimes Delicados

Texto de José Antonio de Souza sobre a banalização da violência. Escrito na década de 70 com a intenção de denunciar a conivência da classe média com os crimes da ditadura militar. Direção de Antonio Abujamra. Elenco: Nicette Bruno, Paulo Goulart e Bárbara Bruno. **Teatro Glória** (Rua do Russel, 632, Glória). Fone: 2555-7262. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$10. Até 29/7.

Fosco Aveludado Canta a Discoteca do Chacrinha

Espetáculo que relembra o Velho Guerreiro, com música, piadas e a voz de Chacrinha comandando a festa. Direção de Márcia Santos. Com o grupo Fosco Aveludado. **Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2267-1647. De Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15.

Frida Kahlo

Vida e obra da pintora mexicana. Texto e direção de Renato Rocha e Verônica de Oliveira. Com Anna Paula Lima e Luiz Lobo. **Porão da Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2267-1647. Sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R$15.

Hamlet

O clássico de Shakespeare foi a peça escolhida por Diogo Villela para comemorar seus 30 anos de carreira. Direção de Marcos Alvisi. Com Diogo Villela, Camila Amado e Antonio Pedro. **Teatro Carlos Gomes** (Praça Tiradentes, s/n, Centro). Fone: 2232-8701. De quinta e sábado, 20h. Domingo, 18h. R$10 (qui. e sex.) e R$15 (sáb. e dom.).

Joana Dark – A Re-Volta

Baseada no texto de Carolyn Gage, que desconstrói de maneira inteligente todas as imagens conhecidas do personagem. Tradução de Maria Adelaide Amaral. Direção de José Possi Neto. Elenco: Christiane Torloni, Jorge de Lima, Roberto Aguiar e Zamir de Castro. **Teatro Adolpho Bloch** (Rua do Russell, 766, Flamengo). De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$10.

O Avarento

Está de volta o clássico de Molière em divertida versão feita para comemorar os 80 anos de idade de Jorge Dória. Tradução e direção João Bethencourt. Com Jorge Dória e Jacqueline Laurence. **Teatro SESI** (Av. Graça Aranha, 1, Centro). Fone: 2563-4163. Quinta, sexta e domingo, 19h30. Sábado, 20h30. R$15.

O Fingidor

Ficção sobre os últimos dias da vida de Fernando Pessoa. Texto e direção de Samir Yasbek. Elenco: Hélio Cícero, Douglas Simon, Mariana Muniz. **Conjunto Cultural da Caixa/Teatro Nelson Rodrigues** (Av. Chile, 230, Centro). Fone: 2262-0942. De quinta a sábado, 20h. Domingo, 19h. R$20.

O Príncipe de Copacabana

Livre adaptação de Gerald Thomas para Hamlet, de Shakespeare. Com Reynaldo Gianecchini, Paula Burlamaqui e atores da Companhia de Ópera Seca. **Teatro Sesc-Copacabana** (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana). Fone: 2547-0156. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20. Até 15 de julho.

O Trio de Romeu e Julieta

O diretor Bruno Rodrigues transformou Romeu em ex-escravo abolicionista e Julieta na filha de prósperos fazendeiros. Com o grupo Teatral Navegantes da Arte. **Teatro do Museu da República** (Rua do Catete, 153, Catete). Fone: 2558-6350. Quartas e quintas, 18h. R$10.

Os Duelistas

Musical baseado no conto O Duelo, de Joseph Conrad, dirigido por Jorge Fernando. A história acompanha quinze anos da vida de dois oficiais franceses do século 19. Elenco: André Segatti, Mário Frias, Sylvia Massari. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9895. Quinta e sexta, 21h30. Sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$20 (qui.), R$25 (sex.e dom.) e R$30 (sáb.).

Qualquer Gato Vira Lata tem a Vida Sexual mais Sadia do que a Nossa

A mais recente comédia de Juca de Oliveira mostra como conquistar a paixão dos homens à luz da psicologia de Darwin. Direção de Bibi Ferreira. Elenco: Rita Guedes, Marcos Pasquim e Roger Gobeth. **Teatro Vannucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 19h. R$20 (sex.), R$25 (qui. e dom.) e R$30 (sáb.).

Quatro Adultérios e Nenhum Funeral

Comédia de Derek Stanfield sobre a infidelidade. Adaptação e direção de Paulo Afonso de Lima. Elenco: Cláudia Vigonne, Fábio Pillar e David Pinheiro como ator convidado. Sala vermelha do **Teatro dos Grandes Atores** (Av. das Américas, 3.555, Barra Square). Fone: 3325-1645. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15 (qui.), R$20 (sex. e dom.) e R$25 (sáb.).

South American Way

Musical de Miguel Falabella e Maria Carmem Barbosa sobre a trajetória de Carmem Miranda. Direção de Miguel Falabella. Stela Miranda e Soraya Ravenle interpretam duas Carmens, num elenco de 18 atores e bailarinos. **Teatro Scala** (Av. Afrânio de Mello Franco, 296, Leblon). Fone: 2239-4448. De quinta a sábado, 21h. Do-

mingo, 19h. Dependendo do setor onde estiver localizada poltrona, o preço varia de R$30 a R$40.

Tormentas da Paixão

Besteirol retratando o *american way of life*. Criação coletiva da Cia. de Comédia Os Melhores do Mundo. **Teatro Rubens Corrêa** (Rua Prudente de Morais, 824, Ipanema). Fone: 2523-9794. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R$15 (qui.), R$20 (sex. e dom.) e R$25 (sáb.).

Últimas Luas

Peça do italiano Furio Bordon sobre um intelectual aposentado e viúvo que mora com o filho, até decidir ir para um asilo. Tradução de Millôr Fernandes e direção de Jorge Takla. Com Antonio Fagundes, Cássia Kiss e Leonardo Brício. **Teatro João Caetano** (Praça Tiradentes, s/n). Fone: 2221-0305. Quinta e sexta, 19h. Sábado, 20h. Domingo, 18h. R$25.

Um Pijama para Seis

Comédia do francês Marc Camolletti, autor também de Boeing Boeing. Passada numa casa de campo em Petrópolis, conta as confusões de uma família. Direção de Rogério Fabiano. Com Jayme Périard, Fátima Freire. Sala azul do **Teatro dos Grandes Atores** (Av. das Américas, 3.555, Shopping Barra Square). Fone: 3325-1645. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R$15 (qui.), R$20 (sex. e dom.) e R$25 (sáb.).

Umbigüidades

Monólogo que revisita 14 personagens dos mais de 40 interpretados pela roteirista e atriz Iami Rebouças. O espetáculo reestréia depois de curta temporada no ano passado. **Teatro do Planetário – Maria Clara Machado** (Av. Padre Leonel Franca, 240, Gávea). Fone: 2239-5948. De quinta a sábado, 21h30. Domingo., 20h30. R$10. De 19/7 a 5/8.

Visitando o Sr. Green

Texto do americano Jeff Baron sobre jovem executivo condenado a prestar serviços ao velho Sr. Green, após tê-lo atropelado. Direção de Elias Andreato. Com Paulo Autran e Cássio Scapin. **Sala Marília Pêra do Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2294-0347. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h30. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

PROJETO MULTISHOW DE INCENTIVO AO TEATRO

multishow

O canal entre o teatro e o público brasileiro.

O **Multishow**, como o canal pioneiro no incentivo ao teatro brasileiro, está selecionando peças para o **Projeto Multishow de Incentivo ao Teatro.**
O Projeto conta com a cobertura de leituras, ensaios e estréias; produção de *making ofs*; exposição na mídia nas principais capitais; apoio do lançamento no **Multishow em Revista** e divulgação no **Multishow News.**

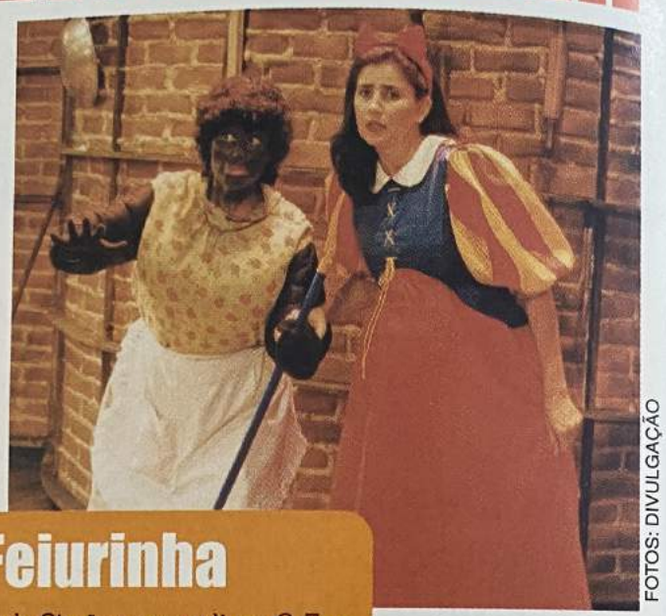
Envie o seu projeto:
Rua Itapiru, 1209/sala 421 Rio Comprido
20251-032 Rio de Janeiro RJ
ou marketingmultishow@globosat.com.br.

www.multishow.com.br
Para assistir ao Multishow, assine
NET 0800-992211 ou SKY 0800-172728

multishow
CANAL GLOBOSAT

Era uma vez...

Em mês de férias, os clássicos são o prato forte do teatro infantil. Princesas sobem ao palco mais decididas, heróis de capa-e-espada voltam a defender os fracos, a bela e a fera se seduzem e até o Pequeno Polegar tem seu lugar. Há peças para todos os gostos e idades. Que tal deixar seus filhos escolher?



FOTOS: DIVULGAÇÃO

O Mistério de Feiurinha

Adaptação e direção de Leonardo Simões para o livro *O Fantástico Mistério de Feiurinha*, de Pedro Bandeira, prêmio Jabuti de Literatura Infantil em 1986. A história começa com uma reunião organizada por Branca de Neve, preocupada com o sumiço da Princesa Feiurinha. Cinderela, Rapunzel e a Bela Adormecida, todas completando bodas de prata e grávidas, comparecem. Só Chapeuzinho Vermelho ficou solteirona e revoltada, porque na sua história não tinha príncipe encantado. Adaptação e direção de Leonardo Simões. **Sala Marília Pêra do Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2511-2791. Sábado e domingo, 17h. R$12.

A Bela e a Fera

Sylvio Lemgruber adaptou o clássico da literatura mundial utilizando técnicas de iluminação e efeitos especiais. Ele também ficou com o papel da Fera. Bianca Telles é a Bela, e outros 12 atores se revezam em papéis engraçados e criativos de janela, porta, árvores, bule e até uma rosa. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9895. Sábado e domingo, 17h. R$12.

As Confusões de João Minhoca

Confusões, enganos e paixões temperam a peça com texto e direção de Lula Braga. João Minhoca, servo de um famoso curandeiro, interfere na realidade para proteger a sua amada. **Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2267-1647. Sábado e domingo, 17h. R$10.

As Aventuras do Pequeno Polegar

Wallace Meirelles, responsável pela adaptação e direção da peça, decidiu montar a fábula de Charles Perrault porque há 30 anos não era apresentada no país. O musical conta as aventuras do Pequeno Polegar e de seus irmãos Beto e Tina numa floresta. No elenco, Thiago Farias e Almir Junior. **Teatro Vannucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. Sábado e domingo, 16h30. R$12.

Florisbela e Venceslau

Dois românticos palhaços, Florisbela e Venceslau, apaixonados um pelo outro, se desencontram dando início ao espetáculo criado por Monica Leder, também intérprete dos personagens. Ambos vieram do planeta Carambola, um lugar onde não há maldade. Ela é médica e faz sapateado. Venceslau brinca com o público, imita Sílvio Santos e tem o "aspirador carambolês", que suga a energia negativa e a transforma em positiva. **Museu da República** (Rua do Catete, 153, Catete). Fone: 2285-6350. Domingo, 16h. R$6 + 1 kg de alimento não perecível.

FOTO: ROBERTA BRASIL/DIVULGAÇÃO

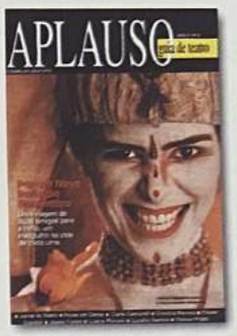
Zorro

O Museu Histórico Nacional é o cenário de Zorro, clássico de capa-e-espada. O mascarado é na verdade Diego de La Veja, que ao voltar dos estudos em Madri se surpreende ao ver a cobrança abusiva de impostos e seu povo sendo maltratado pelo novo governador. Aí decide fazer justiça. O texto e direção são de Renato Rocha (Zorro) e Verônica de Oliveira. **Museu Histórica Nacional** (Praça Marechal Âncora, s/n, Centro). Fone: 2550-9242. Sábado e Domingo, 11h. R$4.

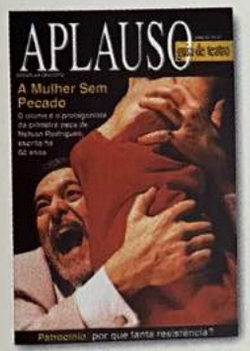
Nada é brinquedo quando alienígenas ameaçam nossas jujubas

Criação coletiva do grupo brasiliense Cia.de Comédia Os Melhores do Mundo. A peça começa quando o menino Pedro Henrique descobre em sua casa um mundo paralelo, todo seu, junto de seu inseparável amigo e herói Capitão Cataplam. **Teatro Rubens Corrêa** (Rua Prudente de Moraes, 824, Ipanema). Fone: 2523-9794. Sábado e Domingo, 17h. R$12.

Colecione, assine!



Enviamos para todo o Brasil



Assinatura semestral R$ 18

Maiores informações
Tel.: (21) 2511-5344 / 2511-1390
ou e-mail: aplauso@gbl.com.br

COMPRE JÁ!
Coleção completa de Aplauso por R$ 48! Edições de 1 a 27

INGLÊS FISK ESPANHOL

50% DE DESCONTO
DURANTE UM ANO

MATRÍCULA:
2KG DE ALIMENTO
NÃO PERECÍVEL

MATRICULE-SE JÁ!

JLG

• BOTAFOGO
Rua Gal. Góes Monteiro, 70
Tel.: 295-8698

• LARANJEIRAS
Rua das Laranjeiras,125
Tel.: 285-0621

• HUMAITÁ
Rua Capistrano de Abreu, 12
Tel.: 538-1386

www.fiskbotafogo.com.br

O espectador gostou, assistiu e indica

Qualquer Gato Vira Lata tem uma Vida Sexual mais Sadia do que a Nossa

"É uma delícia de comédia. Bibi Ferreira, nossa dama, como sempre acertou em cheio na direção. Dei risada do início ao fim."

Claudia Magno, atriz

Cócegas

Põe em cena duas das maiores jovens comediantes do Brasil. Além do talento sem tamanho de Heloísa Perissé e Ingrid Guimarães, o espetáculo nos permite conhecer duas excelentes redatoras de humor. Até agora, é o espetáculo mais engraçado do ano."

Chico Anysio, ator, autor e diretor

Tormentas da Paixão

"Sou fã da Cia. de Comédia Os Melhores do Mundo. Os atores têm uma química perfeita entre eles e você ri tanto que sai com dor no diafragma. É o melhor grupo que apareceu desde o Casseta & Planeta."

Bruno Mazzeo, roteirista

A Memória da Água

"Foi uma peça que me pegou do início ao fim. Achei muito legal. Fiquei impressionada com a qualidade do trabalho dos atores, todos superbem preparados."

Júlia Almeida, atriz

Joana Fomm, Arthur Costa Filho, Renata Fronzi, Gláucio Gil e Daniel Filho em Toda Donzela tem um Pai que é uma Fera, no Teatro Santa Rosa, RJ, 1962

O Rio de Janeiro ganhou mais um espaço para a cultura: **CEE - Centro de Eventos Empresariais** da Bolsa do Rio. O **CEE** é o local ideal para você ficar sempre ligado nas últimas tendências da arte.

CEE da Bolsa do Rio: mantendo a cultura sempre em alta.

Praça XV de Novembro, 20
Telefone: (021) 514-1069
www.bvrj.com.br

Bolsa de Valores do Rio de Janeiro

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES
CORREIOS
100% BRASIL
GOVERNO FEDERAL
"QUANDO É DA ANINHA, SÓ DE SEDEX."
"Só de Sedex", porque só o Sedex tem a garantia e a confiança dos Correios.
Agora também com rastreamento pela Internet (www.correios.com.br).
SEDEX
MANDOU, CHEGOU.